



GT 015. Antropologia das Mobilidades Contemporâneas

André Dumans Guedes (GSO/UFF) -
 Coordenador/a, Candice Vidal e Souza (PUC Minas) -
 Coordenador/a, Luzimar Paulo Pereira
 (Universidade Federal de Juiz de Fora) -
 Debatedor/a

Este grupo de trabalho pretende abrigar pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. Buscamos dialogar com trabalhos que abordem as formas e significados de experiências, práticas e representações diversas sobre o deslocamento, em diferentes contextos socioespaciais e temporais. Para tal fim, sugerimos que os trabalhos tratem de uma ou mais das seguintes questões: 1) as formas de mobilidade ou deslocamento cotidiano, seus arranjos espaço-temporais característicos e sua relação com formas de organização de coletivos, identidades e institucionalidades; 2) as diferenças nos deslocamentos (ou nas imobilidades) pensadas em suas relações com as capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover e ter acesso ao mundo, em razão de situações de classe, gênero, localização, etnia, idade ou valores religiosos e morais; 3) as propostas e reflexões metodológicas para o estudo de sujeitos em movimento. As mobilidades em questão podem situar-se no interior de áreas urbanas, rurais ou naturais; ou entre tais espaços. Nesse sentido, buscaremos orientar nossa discussão coletiva pelo diálogo com aquelas reflexões pioneiras sobre o tema surgidas dos estudos sobre o campesinato brasileiro. O que há de particularmente inspirador nestes estudos, balizando aqui nossa discussão, é a estratégia de analisar as múltiplas formas e modalidades de movimento conjuntamente com a diversidade de vocabulários, linguagens e formas narrativas de que se servem aqueles em deslocamento.

Lugares, caminhos e mares?: sentidos da circulação e deslocamentos na produção musical caiçara

Autoria: Patricia Martins

Neste paper busco trazer uma releitura de dados etnográficos produzidos através de minha tese de doutoramento, onde diferentes percursos foram marcados pela circulação de violas e rabecas, instrumentos utilizados no fazer musical de gentes caiçaras. Por meio de seus fazeres, afinações, versos e trocas, se estabelecem dinâmicas próprias, nestes percursos, o fazer musical produz balizas, constituindo e sendo constituído nestes movimentos, através das águas do litoral do Paraná e de São Paulo. É ao circular e fazer com que as coisas circulem que violas e rabecas e as pessoas que as produzem juntamente com as musicalidades que delas se expressam e ganham significação potencializando-se neste trânsito. Deste modo, a configuração destes espaços de produção musical se modulam de acordo com as relações que os condicionam, estabelecidas entre pessoas, como também entre elas, as coisas, os sons e os meios que motivam seus deslocamentos. O interesse nesse tipo de abordagem nos leva a conceber os movimentos para além de seus condicionantes físicos-geográficos, incorporando na análise perspectivas sobre o que podemos chamar regimes caiçaras de territorialidade?. Embora diferentes instrumentos e campos de análise buscam criar áreas previamente delimitadas, a terra caiçara habitada parece se tecer de uma diversidade de formas de mobilidade, que, conceitos como de migração ou êxodo rural deixam escapar. Como e em que medida terras constituídas em um modo de habitar que é, muitas vezes, também um deslocar-se, se transformam em conexão com essa produção musical específica? E inversamente, como essa produção musical se constitui nestes deslocamentos, uma vez que o movimento cria as suas próprias formas de territorialização? São algumas das questões que irei perseguir neste artigo.



Realização:



Apoio:



Organização:

